

Comunicações — Sessão 2

O órgão de tubos enquanto instrumento de representação de poder: as doações de órgãos de tubos no século XIX, em Sergipe

Thais Fernanda Vicente Rabelo,
Pablo Sotuyo Blanco e Marco Aurélio Brescia
PPGMUS-UFBA; RIIdIM-Brasil/BA; CESEM-UNL

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo estudar o órgão de tubos associado à ideia de poder através das doações de tais instrumentos, ocorridas no Vale do Cotínguiba na segunda metade do século XIX. A partir do panorama histórico da região do Cotínguiba compreendemos tratar-se de uma região promissora, onde se desenvolveu a economia sergipana. Região de solo fértil, cortada por rios (que facilitavam o intercâmbio comercial), abrigou os principais engenhos de açúcar, além de fazendas pecuaristas e da plantação algodoeira. Não por acaso sediaria a doação de três instrumentos musicais de procedência europeia. Além do desenvolvimento econômico foi também no Vale do Cotínguiba que se fortaleceu a política sergipana. Neste contexto, podemos considerar o órgão de tubos como um instrumento de representação de poder cuja doação implicava em grande visibilidade e prestígio, colaborando para com a construção da imagem pública e política dos doadores. Para tanto, analisaremos e discutiremos igualmente a presença iconográfica do órgão associado ao poder (político e econômico) na tradição iconográfica ibero-americana.

Introdução: panorama histórico da Província de Sergipe

Na segunda metade do século XIX Sergipe centrava sua economia na pecuária, na produção açucareira e no plantio do algodão. De acordo com Nunes, a criação de gado fora pioneira na Província e manteve sua importância ao longo dos séculos, desde o período da colonização (NUNES, 2006, p.33). O historiador laranjeirense Felibelo Freire sintetizou o desenvolvimento econômico de Sergipe através de sua conhecida afirmação “O sergipano antes de ser lavrador foi pastor”. Segundo Dantas o desenvolvimento sócio-econômico sergipano se deve à criação de gado, desde a divisão das sesmarias. As primeiras fazendas de Sergipe Del Rey surgiram com os colonos que começavam a se instalar no sertão (1980, p.18). A pecuária teria largo desenvolvimento em Sergipe até o início do século XIX, quando a produção açucareira começou a ganhar impulso. O crescimento no número de engenhos de açúcar começa a ser notado a partir de 1856, período em que a Província contava com 756 engenhos, tendo o número ampliado para 840 no ano de 1889, período em que o regime imperial brasileiro teve fim (NUNES, 2006, p.45). O Vale do Cotinguiba sediava a maior parte destes engenhos, sendo caracterizado como região de maior crescimento econômico, político e cultural da Província, no século XIX.

Além da pecuária e dos engenhos de açúcar, outro produto movimentava a economia sergipana: o algodão. O crescimento da exportação do algodão é notado a partir de 1860, se estendendo, sobretudo, pela região do São Francisco e matas de Itabaiana, graças à fertilidade do solo que permitia duas safras anuais. As máquinas, a vapor, de descaroçar algodão muito contribuíram para o seu elevado crescimento. A casa Schramm & Cia, localizada em Maruim, possuía a mais avançada destas máquinas, podendo descaroçar 600 arrobas de algodão. É importante ressaltar que Sergipe obteve independência da Bahia em 1820. Apesar disso, o comércio sergipano ainda era realizado através do Porto de Salvador até o ano de 1854 (NUNES, 2006, p.30). Para uma melhor visualização da geografia de Sergipe apresentamos a seguir um mapa histórico da Província (Figura 1). Apesar de não estar datado, acreditamos que seja posterior ao ano de 1855, uma vez que apresenta a cidade de Aracaju enquanto capital. No mapa também observamos as cidades de Laranjeiras, Maruim e Aracaju, ao Leste do Estado, nas proximidades do Rio Cotinguiba. (Figura 2).

É justamente no Vale do Cotinguiba que se concentra esta pesquisa. De modo mais específico nas cidades de Laranjeiras, Maruim e Aracaju. Importantes centros econômicos e políticos de Sergipe no século XIX. Laranjeiras, por seu desenvolvimento econômico, político e cultural chegou a

ficar conhecida pela sociedade sergipana da época como a “Athenas sergipense”; era lá que fervilhava a vida política da Província e onde começaria a tomar força o movimento republicano em Sergipe. Maruim, por sua vez, situada às margens do rio Ganhamoroba, destacou-se como o mais importante centro comercial, também conhecido como “Empório sergipano”. Já Aracajú fora projetada para ser a capital da Província, substituindo a antiga vila de São Cristóvão, no ano de 1855, pelo então presidente provincial Inácio Joaquim Barbosa. Estas três cidades abrigam (ou abrigaram, no caso de Maruim), no interior de suas igrejas Matrizes órgãos de tubos provenientes da Europa. A escassez de documentação ainda não nos permite afirmar qual seria a ordem cronológica da importação dos instrumentos.

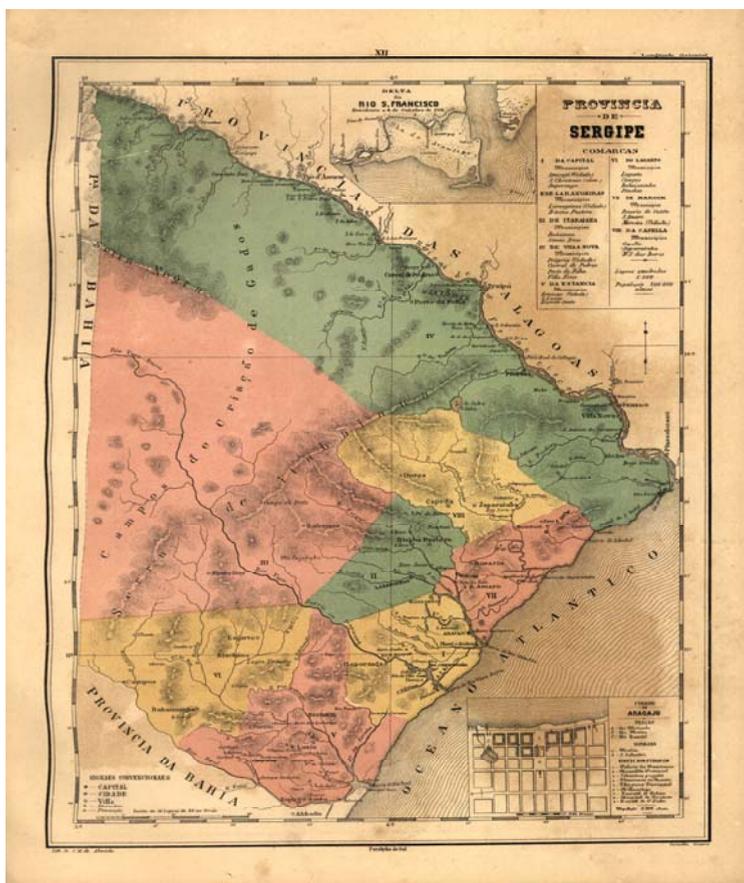


Figura 1: Mapa da Província de Sergipe

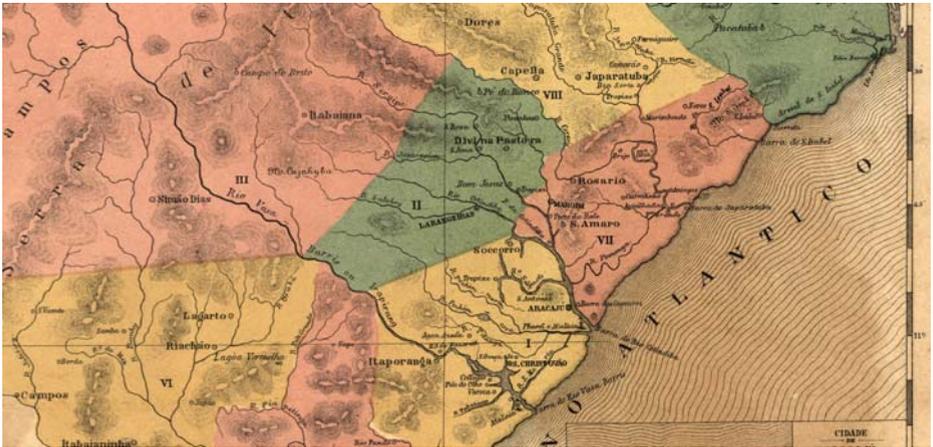


Figura 2: Detalhe da Região do Vale do Cotinguiba (SE)

Além de estarem situados no Vale do Cotinguiba, os instrumentos tem em comum o fato de terem sido fruto de doações de personalidades relevantes no cenário econômico sergipano, doações realizadas na segunda metade do século XIX. O órgão de tubos da igreja Matriz de Laranjeiras foi doado pelo Senhor de Engenho Felisberto de Oliveira Freire, posteriormente Barão de Laranjeiras; o órgão de tubos de Maruim foi fruto da doação do comerciante alemão Otto Schramm à igreja Matriz daquela cidade, enquanto que o instrumento da Catedral Metropolitana de Aracaju teve como doador o fazendeiro José Inácio Accioli do Prado – Barão de Aracaju.

A partir da observação dos fatos anteriormente abordados é possível estabelecer uma relação entre as doações, a escolha do instrumento e a ideia de poder - político ou econômico - uma vez que os mecenas em questão, detentores do poder econômico, teriam escolhido o mesmo instrumento e a mesma instituição para realizarem sua benfeitoria. Partindo da hipótese de que a doação de órgãos de tubos no Vale do Cotinguiba (SE) teria sido um meio de ratificação do poder econômico desses mecenas e ao mesmo tempo um recurso de ascensão política, nos propomos a estudar o órgão de tubos enquanto instrumento de representação de poder. Para tanto, inicialmente apresentaremos uma breve descrição técnica dos órgãos de tubos de Laranjeiras e Aracaju. Em seguida analisaremos a presença iconográfica do órgão associado à imagem de

poder, representado na tradição iconográfica ibero-americana. O contexto histórico da Província de Sergipe será apresentado, no que tange à concessão de títulos nobiliárquicos do segundo reinado, através desta explanação pretendemos compreender a promoção de imagens públicas e políticas por meio do mecenato na Província sergipana.

Descrição técnica dos órgãos de Laranjeiras e de Aracaju

Não é objetivo deste artigo apresentar uma análise técnica exaustiva dos instrumentos em questão. No entanto, é necessária uma breve explanação de alguns aspectos organológicos para o estabelecimento de uma melhor compreensão do leitor.

Dos três instrumentos doados à Sergipe no século XIX apenas os órgãos de Aracaju e de Laranjeiras subsistem. O órgão de Laranjeiras (Figura 3), instalado no coro da igreja Matriz desta cidade, permanece em funcionamento, sendo utilizado nas celebrações litúrgicas da festa do padroeiro - Novenário do Sagrado Coração de Jesus. Trata-se de um instrumento inglês, de manufatura *Byrneson*. É constituído de cinco registros, dispostos horizontalmente sobre o espelho do teclado manual. Os registros ainda não foram identificados, dada a ausência de etiquetas sobre os puxadores (Figura 4). Sabemos que o primeiro registro – da esquerda para a direita – aciona o someiro, na parte posterior do órgão, onde se encontram os bordões, correspondentes à primeira oitava do manual e pedal. O segundo registro faz soar os tubos de fachada. Todos os registros são referentes ao teclado manual. Segundo o atual organista da Matriz, Sr. Evandro Bispo, as indicações nos puxadores desapareceram em decorrência da falta de cuidados com o instrumento, que, segundo ele, contaria com dois registros de 8', dois registros de 4' e um de 16' (RABELO, 2013, p.2-3). O instrumento apresenta quinze tubos (labiais) de fachada e doze bordões de madeira na parte posterior. O restante da tubaria integra a estrutura interna do órgão. Possui dois teclados sendo um manual e um de pedal. O manual apresenta a tessitura de C-f³, totalizando 54 teclas.

O teclado de pedal compreende uma extensão de C-c², contendo 25 teclas (Figura 5). Há um pedal de expressão logo acima da pedaleira, em forma de colher. Quando acionado, este pedal aciona um *swell-box* (que abarca a prática integralidade do instrumento) e controla o movimento de abertura e fechamento das venezianas (Figura 6) encerradas atrás dos tubos de fachada. Desta maneira é possível obter dois planos sonoros contrastados (forte e piano) acionando qualquer um dos registros inseridos na caixa de expressão, bem

como sua expressão correspondente (crescendo e decrescendo) através do pedal que controla o movimento das venezianas.



Figura 3: Fachada do órgão no coro da Matriz de Laranjeiras



Figura 4: Puxadores de registros e teclado manual do órgão da Matriz de Laranjeiras



Figura 5: Teclado de pedal e pedal de expressão do órgão da Matriz de Laranjeiras



Figura 6: Venezianas do *swell-box* do órgão da Matriz de Laranjeiras

Com relação ao órgão de tubos da Catedral Metropolitana de Aracaju, trata-se de um instrumento alemão, de manufatura Ch. H. Wolfsteller, datado de 1881. Um instrumento de médio porte, instalado no coro da referida igreja. É constituído de oito registros. Os puxadores (com suas respectivas etiquetas) encontram-se à direita e à esquerda do manual. Um dos puxadores está quebrado, não sendo possível identificá-lo. A composição do órgão é: Principal 8', Gedakt 8', Octava 4', Octava 2', Mixtur de três filas, Hautbois 4', Gamba 8'.

O órgão da Matriz de Aracaju (Figura 7) apresenta dois teclados sendo um manual e uma pedaleira. O manual tem extensão de C-P³, totalizando 54 teclas (Figura 8). O de pedal apresenta tessitura de C-e³, com 27 teclas. Há um pequeno pedal sobre o *pédalier*, que poderia bem se tratar de uma *tirasse*, permitindo o acoplamento do manual ao pedal (Figuras 9 e 10).

Ao se tratar de um trabalho em andamento, ainda não nos foi possível realizar um estudo aprofundado ao nível da mecânica e organismo instrumental. A simples vista percebe-se a ocorrência generalizada de intervenções inadequadas realizadas *a posteriori* pautadas pelo uso de materiais pouco ou nada afeitos à prática da alta organaria.



Figura 7: Fachada do órgão da Catedral de Aracaju



Figura 8: Teclado manual e registros do órgão da Catedral de Aracaju



Figura 9: *Pédalier* e *tirasse* do órgão da Catedral de Aracaju



Figura 10: Alavanca do fole e motor do órgão da Catedral de Aracaju

No que diz respeito ao órgão de tubos da igreja Matriz de Maruim, (Figura 11) sabe-se que, assim como o órgão de Aracaju, tratava-se de um instrumento alemão, proveniente de Hamburgo (NASCIMENTO, 2006, p.162). Em recente visita à igreja Matriz constatamos a ausência do instrumento, não subsistindo nenhum traço do mesmo em parte alguma da igreja.

Segundo Marques (1994, p.129) foram retiradas várias peças deste órgão para a restauração de outro instrumento da mesma procedência. É válido ressaltar que tais informações são referentes ao ano de 1994, quando da publicação do livro. Ainda segundo Marques, órgão encontrava-se instalado no coro da Matriz Nosso Senhor dos Passos e apesar de estar em péssimo estado de conservação, ainda teriabilidade de ser recuperado.

De acordo com a Subsecretaria do Estado do Patrimônio Histórico e Cultural, responsável pela restauração da Matriz em 2006 (que tinha como objetivo restaurar os elementos artísticos integrados da igreja), o instrumento já não se encontrava na Matriz no ano da restauração. Logo, não consta no inventário. O silêncio com relação ao órgão de Maruim se mantém. A pesquisa segue em andamento.

Marques (1994, p.132), apresenta uma fotografia do órgão. Até o momento, o único registro iconográfico que possuímos do instrumento. Trata-se de um órgão de médio porte, com características semelhantes ao instrumento da Catedral de Aracaju.

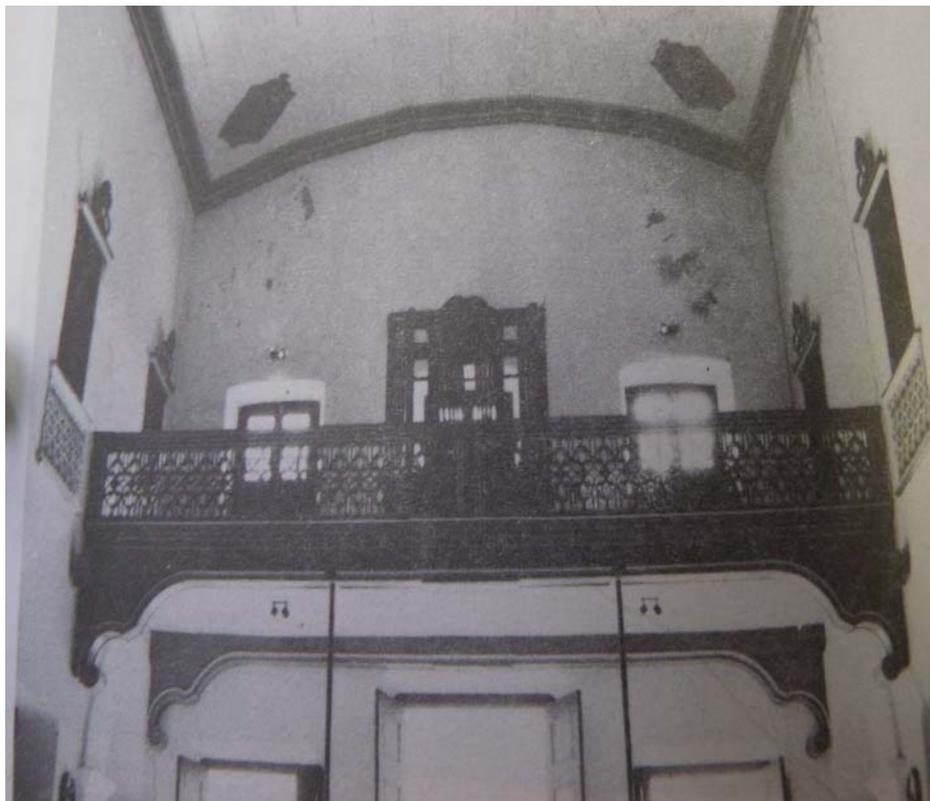


Figura 11: Antigo órgão de tubos no Coro da Matriz de Maruim. Fonte: Cruz e Silva, Maria Lúcia Marques. *Inventário Cultural de Maruim*. 1994, p.95)

O órgão enquanto instrumento de representação de poder na tradição iconográfica ibero-americana

A associação do órgão de tubos à ideia de poder pode ser constatada através da tradição historiográfica. Neste estudo nos concentraremos em quatro obras situadas no contexto ibero-americano. O primeiro exemplo a ser aqui abordado é o quadro do pintor francês J. B. Debret, intitulado “Estudo para a Sagração de D. Pedro I”. É importante ressaltar que além desta versão (que aqui se apresenta), há ainda uma outra, com 380 x 636 cm, que se encontra no Palácio do Itamaraty, em Brasília. Utilizaremos a versão na qual o órgão encontra-se em maior evidência.

Segundo Dias, em suas composições Debret constrói a cena de maneira a transmitir a verossimilhança dos fatos, partindo sempre da escolha de determinados feitos que funcionam como instrumentos de persuasão contidos na mensagem (2006, p.244). Em “Estudo para a Sagração de D. Pedro I”, Debret (1768 -1848) retrata um evento da mais alta importância no contexto imperial brasileiro (Figura 12). Através da análise da obra observamos a associação do órgão de tubos à ideia de poder. A cerimônia ocorre na antiga Capela Real do Rio de Janeiro, capela do Convento do Carmo fundado no século XVI. Na segunda metade do século XVIII, a antiga capela deu lugar à atual igreja, obra que teve como mestre Manuel Alves Setúbal. Com a vinda da Família Real portuguesa ao Brasil, a igreja do Carmo foi designada, pelo príncipe regente D. João, como Capela Real Portuguesa e após a sagração de D. Pedro I, Capela Imperial, a qual seria abolida com o advento da República e transformada em Catedral do Rio de Janeiro no umbral do século XX.

A obra retrata um acontecimento de elevada importância política. Nela o órgão de tubos, instalado no coro, divide espaço com o poder político, econômico e eclesiástico e não por acaso ocupa posição central. O instrumento, portanto, compõe o cenário nobre, colaborando com a ideia de poder expressa na pintura.

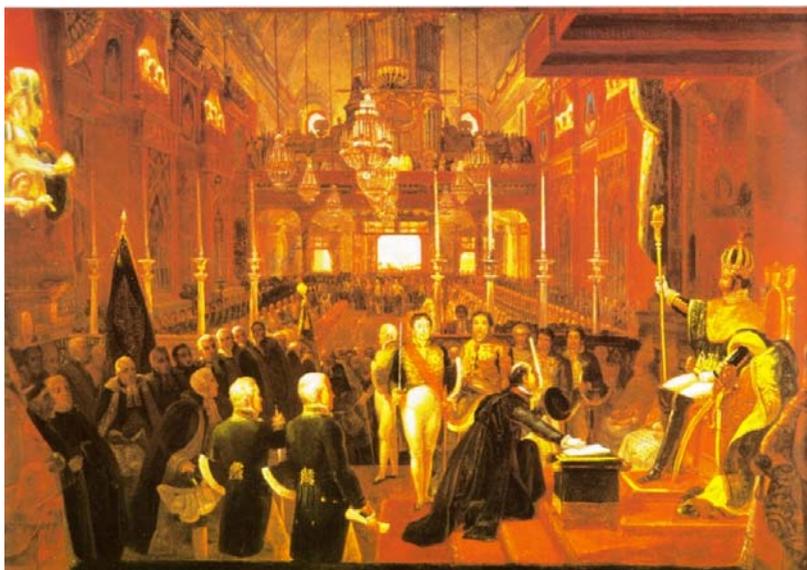


Figura 12: JEAN BAPTISTE DEBRET “Estudo para a Sagração de D. Pedro I”. Óleo sobre tela, 45 x 70 cm. RIO DE JANEIRO, Museu Nacional de Belas Artes



Figura 13: JEAN-BAPTISTE DEBRET “SEGUNDO CASAMENTO DE D. PEDRO I”, óleo sobre tela (aproximadamente 1829), 22.1 x 15.8 cm.

Outras duas obras retratam eventos da corte imperial, tendo como cenário o interior da mesma Capela Imperial. Em “Segundo Casamento de D. Pedro I” (Figura 13), Debret, mais uma vez associa a figura do órgão de tubos à ideia de poder. Novamente o órgão divide espaço com figuras da nobreza e é representado de forma bastante visível, somando-se à figura do imperador, maior ícone do poder político brasileiro, na época, e a membros do poder Eclesiástico.

A tela de Pedro Américo (1843-1905) ilustrando o casamento da Princesa Isabel, também na Capela Imperial, apresenta o órgão ao fundo. Novamente vinculado ao poder econômico, político e eclesiástico (Figura 14).

Ao analisar o instrumento retratado na obra “Cerimônia de Sagração de D. Pedro I”, pode-se afirmar tratar-se de dois instrumentos independentes: um órgão de grande porte e um positivo, de modo que as caixas dos instrumentos pertenciam a tipologias já que a caixa do grande órgão correspondia às caixas de órgãos portugueses-meridionais e a do positivo correspondia à estrutura arquitetônica típica do positivo de costas francês (BRESCHIA 2011, p.63). Ainda, entre os anos de 1850 e 1852, o órgão seria trasladado e reconstruído pelo organeiro Pierre Guigon (BRESCHIA 2011, p.90). Pode-se notar a diferença entre o

posicionamento dos instrumentos comparando-se as pinturas de Debret (que retratam acontecimentos do Primeiro Império) e a pintura de Pedro Américo (Segundo Império). Ao comparar estas obras observa-se uma mudança na posição do instrumento no coro da igreja, do centro para o fundo da tribuna do coro alto.

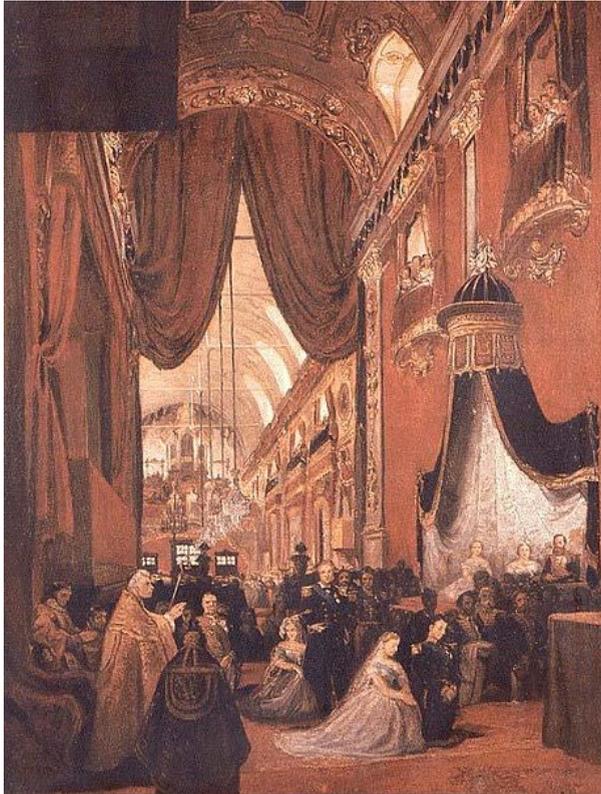


Figura 14: PEDRO AMERICO “Casamento da Princesa Isabel”, óleo sobre tela (1864), 69 x 51. PETRÓPOLIS, Museu Imperial.

Há ainda que se destacar a pintura de Claudio Coello, “La Sagrada Forma” (Figura 15). Esta obra faz parte do arsenal iconográfico da Real Basílica do Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial, Espanha, e se encontra ao centro do retábulo principal da sacristia. O Mosteiro do Escorial, construído entre

1563 e 1584, consiste em um notável complexo arquitetônico que abarca os seguintes compartimentos: palácio, convento, basílica, pantheon, biblioteca e colégio. O grandioso monastério idealizado pelo então imperador Felipe II teve como arquitetos Juan Bautista de Toledo e Juan de Herrera (BRESCIA 2013, p.246).



Figura 15: CLAUDIO COELLO, “La Sagrada Forma” – óleo sobre tela, 500 x 300 cm. EL ESCURIAL, Sacristia do Mosteiro de San Lorenzo.

A ideia de poder é claramente expressa através da arquitetura do mosteiro. No caso, o poder do rei se impunha e reafirmava por meio da grandiosa construção. Esta ideia de poder seria concernente ao “poder absoluto, exercido por direito divino, em íntima união mística com a divindade” (PIMENTEL *apud* BRESCIA, 2013, p.246).

A pintura faz alusão ao milagre de Gorkum. Segundo conta a tradição, alguns protestantes teriam entrado em um templo católico de Gorkum, Holanda, com o intuito de saqueá-lo. Um dos integrantes do grupo, em sinal de desprezo, teria pisoteado, com sua bota de pregos, uma hóstia consagrada. A hóstia, ferida pela marca da bota, apresentava três furos que imediatamente teriam começado a sangrar.¹ No ano de 1594 a relíquia foi entregue a Felipe II que a custodiou ao Mosteiro de San Lorenzo. A obra de Claudio Coello retrata justamente a inauguração do tabernáculo que o rei Carlos II mandou confeccionar com a finalidade de guardar a preciosa relíquia. O quadro, portanto, como tentativa de retratar um acontecimento com fidelidade ao fato, tem como cenário a própria sacristia. Em “La Sagrada Forma” observa-se a figura de Carlos II, ajoelhado, em atitude devocional com o que se lhe apresenta pelas mãos do então prior do Mosteiro: a Sagrada Forma. Nobres e membros da comunidade religiosa também compõem a cena.² No entanto, o objeto que se apresenta no centro da pintura é o órgão de prata de Felipe II. O órgão encontra-se cercado pelos poder político e pelo poder eclesiástico e ocupa um lugar de destaque na pintura.

De acordo com Rubio (1971, p.88), o órgão retratado na pintura de Coello foi o oitavo instrumento de um conjunto que compreendia ainda outros sete órgãos, todos construídos pelo famoso organeiro Gilles Brebos junto a seus filhos, a pedido de Felipe II. Ainda segundo Rubio, “*Felipe II dotó al monasterio de nueve órganos: ocho de tubos y uno de campanas. Decimos al monasterio, y no concretamente a la basílica porque no estuvieron todos en ésta al principio, si bien todos fueron destinados al servicio del culto divino* (1971, p.87)”. Dentre os órgãos construídos por Brebos para o mosteiro real, o primeiro foi instalado na primeira capela construída, antes mesmo da basílica e que ficaria denominada por *iglesia vieja*. Os outros seis instrumentos foram instalados na basílica real: dois, os maiores, instalados nas extremidades do cruzeiro; outros dois, de médio porte, situados no coro e os dois menores – realejos – ficavam acima de dois altares. O oitavo instrumento consistia em um órgão portátil, de prata. Era guardado na sacristia e utilizado nas procissões do Santíssimo Sacramento (RUBIO, 1971, p.87). Ainda segundo Rubio este órgão era composto por tubos de prata, teclado revestido por lâminas de prata, caixa de prata banhada a ouro cravejada de granadas e foles

¹ Disponível em: <http://www.therealpresence.org/eucharst/mir/portuguese_pdf/PORТУ-gorkum.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

² Disponível em: <www.wga.hu/frames-e.html?/html/c/coello/sagradaf.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

revestidos de cetim encarnado e placas de prata trabalhadas à mourisca. Com base na descrição física pode-se afirmar que se tratava de um instrumento luxuoso, construído com materiais preciosos: um autêntico símbolo do poder econômico e político do rei.

A partir das obras apresentadas anteriormente constatamos o status de instrumento de representação de poder do órgão de tubos. A representação iconográfica do órgão na tradição iconográfica ibero-americana aqui apresentada coloca-o como elemento relevante no cenário que se pretende retratar de modo que a grandiosidade do instrumento enaltece a relevância do acontecimento, dos elementos e personalidades nele retratados.

As doações do Vale do Cotinguiba: o mecenato como meio de promoção de imagens públicas e políticas:

A associação da imagem do órgão de tubos à ideia de poder, já apresentada anteriormente, teria permeado o pensamento dos mecenas sergipanos que provavelmente fundamentados neste pensamento investiram na doação de tais instrumentos em busca de maior visibilidade política. Este pensamento, no entanto, remonta à Idade Antiga. Os órgãos enviados de Constantinopla aos imperadores merovíngios e carolíngios evidenciam que esta tradição viera de longa data. Em seu célebre tratado *L'art du Facteur d'orgues*, Dom François Bedos de Celles menciona o órgão com o qual o imperador Constantino Copronimo presenteou o rei Pepino, o Breve aproximadamente no ano 757. Menciona também outro órgão que Constantino Curopalata enviara a Carlos Magno, em 812.

No contexto ibero-americano podemos citar também os órgãos enviados pelos reis de Portugal aos governantes das regiões onde almejavam estabelecer entrepostos comerciais. De acordo com Azevedo:

When contacts with new worlds were opened up by portuguese navigators, the organs were not forgotten and the chronicler Gaspar Correia when describing the special embassy of Dom Rodrigo de Lima to the Emperor of Ethiopia in 1519, mentions on Manuel de Mares who had carried one or more organs as a present. In 1522 a similar gift was made to the king of Vishnayagar, neighbour of Goa (1972, p.7).³

³ Tradução nossa: "Quando contatos com novos mundos eram abertos pelos navegantes portugueses, os órgãos não eram esquecidos e o cronista Gaspar Correia quando descreve a embaixada especial de Dom Rodrigo de Lima ao Imperador da Etiópia em 1519, menciona um Manuel de Éguas que teria levado um ou mais órgãos como um presente. Em 1519 um presente semelhante foi dado ao rei de Vishnayagar, vizinho de Goa" (1972, p. 7).

No que se refere às doações ocorridas no território sergipano, acreditamos que estas tenham seguido pensamento semelhante ao das doações mencionadas anteriormente. Todavia, estas que se deram na Província sergipana estariam alimentadas pelas aspirações comuns à sociedade latifundiária do Brasil Império: a titulação nobiliárquica. A carência de documentação não nos permite, até o momento, afirmar com precisão em que ano os instrumentos chegaram às respectivas instituições. Quanto ao órgão da igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus de Laranjeiras, de acordo com Oliveira o instrumento foi tocado pela primeira vez no ano de 1869.

Aos vinte e quatro dias do mês de Março do ano de mil oitocentos e sessenta e nove, pela vez primeira tocou na Matriz do Sagrado Coração de Jesus o grande Órgão, dádiva do Tel. Cel. Felisberto de Oliveira Freire, depois, Barão de Laranjeiras em virtude do Decreto Imperial de vinte e nove de Fevereiro de Mil oitocentos e setenta e dois. O Sagrado Coração de Jesus abençoe o doador,[...] (OLIVEIRA, 1941, p.115).

Além do relato do padre Philadelpho Oliveira, há ainda a plaqueta que se encontra anexa ao espelho do teclado do órgão onde consta: “O Barão de Laranjeiras, oferece a Matriz da cidade de seu título”.

Felisberto de Oliveira Freire (1819-1889) herdara as terras de seu pai, o Ten. Cel. Luís Francisco Freire, localizadas em Itaporanga d’Ajuda (SE). Dantas atribui a Luís Francisco Freire a posse dos engenhos Roma, Jerusalém e Belém (1980, p.127). Segundo Loureiro, Felisberto residia no Engenho Belém. Até os dias atuais residem, na propriedade, os descendentes do Barão de Laranjeiras. A propriedade do Belém está ligada à Família Freire há seis gerações. Felisberto de Oliveira Freire fazia parte da terceira geração de usineiros da família (LOUREIRO, 1999, p.30).

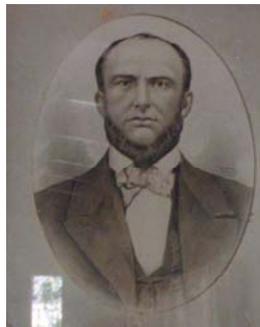


Figura 16: Retrato do Barão de Laranjeiras. Acervo pessoal da família Freire, Fazenda Belém, Itaporanga d’Ajuda (SE).

Segundo consta no “Ato do Governo Imperial”, preservado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Felisberto de O. Freire foi nomeado chefe do Estado Maior do Comando Superior da Guarda Nacional da capital, Municípios e Armas da Província de Sergipe em 1870. Assim consta no documento:

Dom Pedro por Graça de Deus Unanime Aclamação dos Povos. // Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem Que / Ha por bem Nomear a Felisberto de Oliveira Freire para o posto de Tenente Coronel Chefe do Estado Maior / do Comando Superior da Guarda Nacional dos Municípios da Capital e armas da Província de Sergipe, e como tal gozará de todas as honras, pri- / vilégios, liberdades, isenções e franquezas que directamente lhe pertencerem: Pelo que Mando á Authoridade competente que lhe / de pofse depois de prestar o devido juramento; o deixe servir e exercer o dito Posto; aos Officiaes superiores que o tenhais e / reconheção por tal honrem e estimem, e a todos os seus subalternos que lhe obedecem e guardem suas ordens, no que tocar ao / serviço Nacional e Imperial tão fielmente como devem, e são obrigados. Em firmeza do que lhe Mandei passar a presente Carta / por Mim assignada, que se cumprirá como a Ella se contem depois de sellada com o sello grande das Armas di Imperio. // Dada no Palácio do Rio de Janeiro em deseseis de Novembro de mil oito- / centos e setenta [ilegível] [rasurado] [ilegível] da Independencia e do Imperio. // [assinatura ilegível] // Barão das Três Barras (ATO DO GOVERNO IMPERIAL, 1870).

O título de Barão só seria concedido no ano de 1872, segundo consta no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Capital da Província do Rio de Janeiro*, do ano de 1873 e no documento também encontrado no IHGSE, sobre a genealogia Freire:

Cel. Felisberto de Oliveira Freire, Barão de Laran- / jeiras, título criado por decreto de 29 de janeiro / de 1872. Casou-se com D. Maria Cândida de Souza / Bastos, filha do Capitão Francisco Manuel de Souza / Bastos e D. Joaquina Perpétua do Amor Divino, (1) / do engenho Camuculé. O Barão de Laranjeiras fale- / ceu em 20 de janeiro de 1889. Teve, extra casamen- / to, em D. Inês das Virgens Freire (NOTAS GENEALÓGI- CAS, IHGSE).

Através da documentação encontrada observamos que a doação do instrumento à Matriz de Laranjeiras precedeu o título do baronato. Outra questão peculiar diz respeito ao fato de Felisberto de O. Freire residir em Itaporanga d’Ajuda, (hoje) distante 37km de Laranjeiras, o que corrobora com a hipótese de que a doação do instrumento estaria diretamente ligada à ideia de mecenato de

modo a alcançar a promoção política. A hipótese é reforçada se considerarmos a relevância econômica e política de Laranjeiras quando da doação. Segundo Nunes, Laranjeiras foi elevada a categoria de vila em 1832 e em 1848 se tornou cidade através da Resolução n.209 (2006, p.222).

Na época em que a Capitania de Sergipe adquiriu autonomia política, Laranjeiras se impunha como centro principal do comércio importador e exportador, mantendo comunicação direta com a Europa, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro através de Brigues, bergatins, patachos, sumacas, “cutterz”, rica, opulenta, com mais de 850 fogos e sua população excedendo a 3.000 habitantes (NUNES 2006, p.221).

Logo, a condição política e econômica privilegiada de Laranjeiras seria um importante requisito para a escolha do Senhor de Engenho.

Com relação ao instrumento de Maruim, podemos dizer que a doação do órgão de tubos à igreja Matriz do Senhor dos Passos teve como mecenas Otto Schramm, comerciante alemão. A doação deste instrumento está diretamente relacionada à imigração alemã na Província de Sergipe. De acordo com Nascimento (2006, p.160), os primeiros imigrantes alemães chegaram nesta Província no ano de 1839 e fixaram-se na região do Cotinguiba. Em Maruim, os Schramm “ganharam maior visibilidade após a criação da casa A. Schramm & Co., dedicada à exportação de açúcar e importadora de mercadorias industriais e outros manufaturados” (PASSOS Sobrinho, 2000 *apud* NASCIMENTO, 2006, p.160). O poderio econômico possibilitado pelo êxito nos negócios faria dos Schramm importantes figuras públicas no cenário maruinese. Segundo Nascimento:

O poderio econômico dos Schramm colocou a família no centro de tomada de decisões do poder político local, chegando um deles a ocupar a função de Cônsul da Alemanha em Sergipe. Essa inserção social era alimentada pela reputação de mecenas que obteve Otto Schramm e que deixou marcas em benfeitorias como a doação do relógio e do órgão de tubos da Igreja matriz maruinese, ambos procedentes de Hamburgo (NASCIMENTO 2006, p.162).

O mecenas alemão seria apontado também por alguns historiadores como o criador do Gabinete de Leitura de Maruim. Segundo consta no “Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros” (1869), Otto Schramm ingressou no corpo consular estrangeiro a 13 de fevereiro de 1862. A imagem de benfeitor

do mecenas permearia a sociedade maruimense até a atualidade. Segundo o memorialista Joel Aguiar “Os Schramm exerceram em Maruim benéfica influência e a opulência do seu viver, como também a generosidade dos seus gestos ainda hoje são conhecidos. O cônsul Otto Schramm foi para Maruim um símbolo de rara cultura e um edificante exemplo de que o trabalho tudo vence” (AGUIAR 2004 *apud* NASCIMENTO, 2006, p.164).



Figura 17: Cônsul alemão Otto Schramm, segunda metade do século XIX. Fonte: AGUIAR, Joel. *Traços da História de Maruim*. 2004, p.153.



Figura 18: Colônia alemã em Maruim, segunda metade do século XIX (Otto Schramm, à frente – segundo, da direita para esquerda). Fonte: Cruz e Silva, Maria Lúcia Marques. *Inventário Cultural de Maruim*. 1994, p.95.

Quanto ao órgão de tubos da Catedral Metropolitana de Aracaju, sabemos que este foi fruto da doação do Sr. José Inácio Accioli do Prado conforme se encontra impresso na parte frontal do órgão: “Anno 1881. Donativo do Barão de Aracajú à Igreja Matriz de Aracajú”.

A informação sobre título de baronato de José Accioli encontra-se mencionada tanto no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Capital da Província do Rio de Janeiro (1873, p.56), quanto no Archivo Nobiliarchico Brasileiro. Neste último consta: “ARACAJÚ. (Barão de) José Ignacio Accioli do Prado. Falleceu na Província de Sergipe, em 28 de Março de 1904, com 80 annos de idade. Era fazendeiro e criador abastado, na Província de Sergipe. CREAÇÃO DO TITULO: Barão por decreto de 28 de Agosto de 1872” (1917, p.50).

A relação entre as doações e a promoção pública e política nos três casos acima mencionados pode ser fundamentada na concessão de títulos nobiliárquicos, tanto em âmbito nacional quanto provincial. Em nível nacional, de acordo com Albuquerque (2002, p.106), “a história da nobreza brasileira confunde-se com a própria gestação do Brasil Império”. Segundo o autor, D. João VI trouxe consigo toda pompa ritualística e simbólica comum à casa de Bragança, incluindo também a concessão de títulos nobiliárquicos (ALBUQUERQUE, 2002, p.106). Em sua permanência no Brasil, o rei teria nomeado 254 titulares, dentre os quais: duques, marqueses, condes, viscondes e barões. O rei pagaria favores com títulos e honras (SCHWARCZ, 1999, p.246). A Constituição de 1824, em seu artigo 102 garantia entre as competências do imperador “o direito de conceder títulos, honras, ordens militares e distinções como recompensa dos serviços feitos ao Estado” (SCHWARCZ, 1999, p.247). A nobreza brasileira diferenciava-se da europeia, sobretudo pelo fato de seus títulos não serem hereditários, sendo válido apenas para a pessoa que o recebia. Ainda segundo Schwarcz (1999, p.268) as mercês honoríficas, que se tornaram muito mais frequentes no Segundo Reinado, eram classificadas da seguinte forma: 1) Títulos de duque, marquês, conde, visconde e barão; 2) Títulos de conselho e os tratamentos de Excelência e Senhoria; 3) Empregos da Casa Imperial: maiores e menores; 4) Condecorações das várias Ordens do Império e 5) Graduações Militares honorárias. É válido ressaltar que a primeira categoria receberia como símbolo uma coroa, cujos detalhes seriam modificados a cada título.

No contexto sergipano pode-se afirmar que a aristocracia estava concentrada na pessoa dos Senhores de Engenho. Estes proprietários de terras exerciam sobre aquela localidade toda a sua autoridade. Todavia, ambicionando maior poder político e visibilidade na Província e na Corte, muitos destes proprietários

de terras buscaram alcançar os títulos de nobreza. De acordo com Nunes, o então imperador D. Pedro II objetivava consolidar a política de centralização que encontraria na crise no comércio açucareiro através da concessão de títulos nobiliárquicos. Por meio da concessão, o Imperador tinha a oportunidade de controlar o individualismo dos senhores de engenho. Desta maneira haveria uma troca de favores: o proprietário prestava serviço ao Estado e em troca alcançaria maior visibilidade e promoção política através dos títulos concedidos (NUNES, 2006, p.49).

Dentre os treze títulos de baronato concedidos aos sergipanos apenas três possuíam grandeza: José Gomes de Mello (Barão de Maruim), José da Trindade Prado (Barão de Propriá) e Antônio Dias Coelho (Barão de Estância). Felisberto de Oliveira Freire e José Inacio Accioli do Prado receberiam o título no mesmo ano de 1872 (NASCIMENTO, 2002, p.113).

5. Considerações finais:

A partir do exposto podemos considerar que o mecenato sergipano aqui tratado possui como elemento relevante, a associação do órgão de tubos à ideia de poder. A escolha do instrumento, comum aos três mecenas, evidencia esta ideologia. Neste sentido acreditamos que este mesmo pensamento tenha sido compartilhado pelos três doadores. Por meio da doação de órgãos de tubos, Felisberto de Oliveira Freire (Senhor de Engenho), Otto Schramm (importante comerciante) e José Inácio Accioli do Prado (fazendeiro – Barão de Aracajú) teriam almejado a promoção de suas imagens pública e política.

Ao analisar a documentação referente aos mecenas constatamos que no caso do Felisberto Freire, a doação do órgão à igreja Matriz de Laranjeiras teria impulsionado o seu título de baronato, concedido alguns anos depois. Quanto ao cônsul Otto Schramm, este é apresentado por Azevedo (s.d. p.11) como um homem de ideias liberais, um europeu que buscava reproduzir em Maruim um pensamento progressista alimentado pelos ideais iluministas de outrora. Sua atitude de doar um órgão de tubos a Matriz Nosso Senhor dos Passos soma-se à doação do relógio à mesma Matriz e à fundação do Gabinete de Leitura de Maruim, colaborando com a promoção de sua imagem de mecenas benevolente e preocupado com o desenvolvimento daquela sociedade, além de ratificar seu poderio econômico. Quanto a José Inácio Accioli do Prado, observamos que a concessão de seu título de baronato (1872) é posterior à construção do instrumento da Catedral de Aracaju (1881). Neste sentido consideramos que a doação

do Barão de Aracaju tenha sido, em semelhança à doação de Maruim, um ato de ratificação de poder e promoção da imagem pública deste mecenas.

Os exemplos iconográficos apresentados neste artigo, pertencentes à tradição iconográfica ibero-americana, ressaltam a imagem do órgão enquanto instrumento de representação de poder, portanto a mesma ideia que se observa nas doações do Vale do Cotinguiba. Tais instrumentos encontram-se cercados pelos poderes político, econômico e eclesiástico, em cada uma das imagens. Além disso, a contextualização histórica de Sergipe sob o ponto de vista econômico também converge na ideia de ascensão política, permitindo-nos afirmar que as doações de órgãos no território sergipano levaram em consideração a relevância da região a que se destinariam os instrumentos. Não por acaso as três doações ocorreram em cidades relevantes da mesma região do Cotinguiba. Lá se concentrou o desenvolvimento econômico da Província, sobretudo no século XIX, com a produção açucareira. Além disso, a busca pela titulação nobiliárquica, comum a vários proprietários de terras sergipanos, seria um dos fatores motivadores das ações do mecenas, sobretudo no que diz respeito ao Barão de Laranjeiras.

Neste sentido, através do exposto, podemos considerar as doações de órgãos de tubos do Vale do Cotinguiba como meio de promoção de imagens públicas e políticas, respaldadas e alimentadas pelo conceito do órgão enquanto instrumento de representação de poder, por meio do qual seria possível afirmar o poder econômico e garantir a ascensão política, ou mesmo uma maior visibilidade, tanto no âmbito provincial, quando cortesão.

Referências

- AGUIAR, Joel. *Traços da História de Maroim*. Aracaju: J. Andrade, 2004.
- ALBUQUERQUE, Samuel B. de Medeiros. Aspectos do Baronato Sergipano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. n.33, 2002.
- ALMANAK *Administrativo, Mercantil e Industrial da Côte e da Capital da Provincia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1873.
- ARCHIVO *Nobiliarchico Brasileiro*. Suíça: La concorde, 1917.
- AZEVEDO, Carlos de. *Baroque organ cases in Portugal*. Amsterdam: Frits Knuff, 1972.
- AZEVEDO, Denio Santos. *Crise do Império e o Discurso Liberal-Republicano: a construção do capital social no Gabinete de Leitura de Maruim (1877-1889)*. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT3/GT3-DENIO.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
- BEDOS DE CELLES. *L'art du Facteur d'orgues*. Paris: Leonce Laget, fac-simile da edição de 1766.
- BRESCIA, M. A. Difusão e aclimatação do órgão na América portuguesa entre os séculos XVI e XVIII. *Revista eletrônica de musicologia*. Vol. 14, 2010. Disponível em: <http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv14/08/difusao_e_aclimatacao.html>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- _____. *Catalogue des orgues baroques au Brésil. Architecture et décoration*. 2008. Dissertação (Mestrado em História da Arte e Musicologia) - Université Sorbonne - Paris IV, Paris, 2008.
- _____. *L'école Echevarría en Galice et son rayonnement au Portugal*. Tese (Doutorado em Musicologia Histórica) - Université Sorbonne - Paris IV, Paris, 2013.
- _____. *Órgãos e Organeiros da Real e Imperial Capela do Rio de Janeiro: de Antônio José de Araújo a Pierre Guigon*. *Ictus*. Vol. 12, 2011. Disponível em: <www.ictus.ufba.br/indexphp/ictus/issue/viewFile/215/241>. Acesso em: 17 nov. 2013.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da Ordem: teatro de sombras*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- COTEGIPE, Barão de. *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros*. Rio de Janeiro: Typografia Universal de E & H. Laemmert, 1869.

- CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques. *Inventário Cultural de Maruim*: Edição comemorativa aos 140 anos de emancipação política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.
- DANTAS, Orlando Vieira. *Vida Patriarcal em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. *O Problema Açucareiro em Sergipe*. Aracaju: Livraria Regina, 1944.
- DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de D. João VI e D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. **Anais...** São Paulo. Vol. 14, n.1, p. 243-261, 2006.
- DINIZ, Jaime C. *Organistas da Bahia 1750-1850*. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.
- FREIRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. 4 ed. São Paulo: Global, 2008.
- _____. *Casa Grande e Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.
- LOUREIRO, Kátia Afonso Silva. *Arquitetura Sergipana do Açúcar*. Rio de Janeiro: Unit, 1999.
- MOTT, Luiz R. B. *Sergipe Del Rey*: população, economia e sociedade. Aracaju: Fundesc, 1986.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Notas para o estudo da imigração alemã em Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. n. 35, 2006.
- NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial II: (1840 – 1889)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 2006.
- OLIVEIRA, Philadelpho de. *História de Laranjeiras*. 2 ed. Aracaju: Casa Ávila Subsecretaria de Cultura da Secretaria de Educação de Sergipe: 1941.
- RUBIO, Samuel. Los Órganos del Monasterio del Escorial. *Tesoro Sacro Musical*. Revista trimestral de música sagrada, 1971.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.